

#Desinformação; #Negacionismo e #Antidemocratização: Glossário político no Brasil de 08 de janeiro de 2023

Political Glossary of January 08, 2023 in Brazil: #Disinformation; #Denialism and #Antidemocratization

Glosario político en Brasil del 08 de enero de 2023: #Desinformación; #Negacionismo y #Antidemocratización

Gisela Grangeiro da Silva Castro
Escola Superior de Propaganda e Marketing
Brasil
castro.gisela@gmail.com

Adriana Lima de Oliveira
Escola Superior de Propaganda e Marketing
Brasil
publicidade.dri@gmail.com

Abstract: Based on the outlook of communication and media studies, this article discusses the anti-democratic events that shook Brasilia on January 8, 2023. A selection of samples of media coverage of these events allows us to trace a cartographic route in our effort to identify expressive intensiveness and political and existential territories that shape this unfortunate episode in the history of Brazil. Among the conceptual operators that help us determine the criteria for analysis, we highlight language and discourse (Avelar, 2021; Nobre, 2022; Rocha, 2021), sociotechnical assemblages (Lemos, 2021, 2020; Cesarino, 2022), and the displacements of the moral grounding (Sibilia, 2022) in the techno-mediatised public sphere (Miskolci, 2021). Our discussion focuses on important axes to understand Brazil's neofascism surge and its performative-discursive strategies. The resulting political glossary warns us about topics that demand intense vigilance and scrutiny: disinformation, denialism, and anti-democratization.

Keywords:

Communication and politics; disinformation; anti-democratization; January 8th in Brazil

Resumo: Com base no olhar da comunicação social, apresentamos uma reflexão acerca dos atos golpistas na capital, Brasília, em 08 de janeiro de 2023. Por meio de um percurso cartográfico em uma seleção de veículos da mídia brasileira na cobertura das manifestações

antidemocráticas, buscamos identificar as intensidades expressivas e os territórios existenciais e políticos que conformaram esse episódio particular e infeliz da história do Brasil. Como operadores conceituais que nos auxiliam na determinação dos critérios de análise, elencamos os agenciamentos sociotécnicos (Lemos, 2021, 2020; Cesarino, 2022), a linguagem e o discurso (Avelar, 2021; Nobre, 2022; Rocha, 2021), e os deslocamentos do solo moral (Sibilia, 2022) na esfera pública tecno-midiatizada (Miskolci, 2021). Nossa reflexão destaca importantes vetores para compreendermos a ascensão do neofascismo no Brasil e suas estratégias performático-discursivas. O resultante glossário político nos alerta para temas que demandam intensa vigilância: a desinformação, o negacionismo e a antidemocratização.

Palavras-chaves:

Comunicação e política; desinformação; antidemocratização; 08 janeiro no Brasil

Resumen: A partir de la mirada de los medios, este artículo presenta una reflexión sobre la toma de nuestra capital, Brasilia, el 8 de enero de 2023. A través de un recorrido cartográfico en una selección de vehículos mediáticos de cobertura de manifestaciones antidemocráticas, se busca identificar las intensidades expresivas y los territorios existenciales y políticos que dieron forma a este particular y desafortunado episodio de la historia de Brasil. Como operadores conceptuales que nos ayuden a determinar los criterios de análisis, enumeramos los ensamblajes sociotécnicos (Lemos, 2021, 2020; Cesarino, 2022), lenguaje y discurso (Avelar, 2021; Nobre, 2022; Rocha, 2021), y los desplazamientos del terreno moral (Sibilia, 2022) en la esfera pública tecno-mediaticada (Miskolci, 2021). Nuestra reflexión destaca vectores importantes para comprender el surgimiento del neofascismo en Brasil y sus estrategias performativo-discursivas. El glosario político resultante nos alerta sobre temas que exigen una intensa vigilancia: desinformación, negacionismo y anti-democratización.

Palabras clave:

Comunicación y política; desinformación; anti-democratización; 8 de enero en Brasil

1. Introdução

Reportagem (Maia, 2023) do site *Politize* logo após o assalto golpista à Praça dos Três Poderes em 08 de janeiro compara o ataque antidemocrático aos protestos ocorridos em

Brasília em 2013 e 2017, narrando cada episódio na capital do país pelo viés da ultradireita¹. Em 17 de junho de 2013 (Artigo 19, 2013), um numeroso grupo de manifestantes ocupou a marquise do Congresso Nacional, que abriga as cúpulas do Senado e da Câmara, ícones da moderna arquitetura de Oscar Niemeyer. O levante popular de proporção nacional contou com o apoio de quase 90% da população brasileira (Figura 1).



Figura 1. Manifestação de junho de 2013. Fonte: BBC News Brasil².

Em 2017, as ruas brasileiras voltaram a se agitar com reações contrárias ao processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e às reformas trabalhistas e da Previdência propostas no Governo de Michel Temer. Manifestantes invadiram a Câmara dos Deputados e depredaram vidraças, sendo posteriormente contidos pela Polícia Legislativa (Figura 2).



Figura 2. Manifestação de abril de 2017. Fonte: Agência Brasil³.

Em 8 de janeiro de 2023, uma turba tomou de assalto a capital federal para contestar violentamente a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas Eleições de 2022 e eventualmente

¹ Cf. Evangelista (2022), em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/dos-escombros-do-neoliberalismo-nasce-a-ultradireita/>. Acesso em: 21.abr.2023.

² <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63507138>. Acesso em: 21.abr.2023.

³ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/com-depredacao-de-ministerios-e-confronto-ato-em-brasilia-reune-45-mil-pessoas>. Acesso em: 08.abr.2023.

provocar uma intervenção militar no país com o objetivo de “restaurar a ordem pública”. O resultado entrará para os livros de História: invasão golpista, terrorismo e destruição do patrimônio público nas sedes dos Três Poderes (Figura 3).



Figura 3. Ato golpista de janeiro de 2023. Fonte: BBC News Brasil⁴.

Enquanto a referida reportagem ocupou-se das semelhanças entre os três eventos, para nós, os objetivos são a diferença crucial. As manifestações de 2013 e 2017 se posicionaram em defesa de políticas públicas específicas. Em 2023, uma horda encolerizada foi acionada para contestar o pleito democrático e pressionar pela derrubada de um governo recém-eleito legitimamente. Esta é a etapa inicial de análise do fenômeno a ser enfrentado: a insurgência do neofascismo no Brasil e suas estratégias performático-discursivas mobilizadas em um ecossistema de desinformação que alimenta a dissonância cognitiva (Bruno, 2020), tumultua o jogo político e solapa o debate democrático na esfera pública tecno-mediatizada (Miskolci, 2021).

O olhar da comunicação nos permite descortinar a produção de sentidos nos ardis de uma racionalidade cínica (Sibilia, 2022) que se espalha em diversas camadas sociais. Assim, somos levados a explorar a presença de pautas ultraconservadoras em torno da moralidade, religião e família no discurso cínico do empreendedorismo social “desde baixo” (Nunes, 2022), a bandeira anticorrupção como estratégia de deslegitimação de adversários políticos, a intensiva circulação de Fake News e discursos de ódio na mobilização populista que se alinha aos propósitos de tomada de poder da ultradireita internacional.

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64220631> Acesso em: 08.abr.2023.

2. Metodologia

Inspiramo-nos no método cartográfico para uma análise da cobertura midiática de 08 de janeiro⁵ até 02 de março⁶ de 2023, quando ocorreu a instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito⁷ na Câmara Legislativa em Brasília. As matérias foram selecionadas por meio de *ranking* do portal de notícias do buscador *Google*® transmitidos pelo canal do *YouTube*®. A relevância do audiovisual⁸ no cenário brasileiro justifica sua primazia na seleção de 38 reportagens que nos permitiram traçar um caminho inicial nesta discussão. O referencial teórico levou em conta aspectos importantes da comunicação política atual: os agenciamentos sociotécnicos (Lemos, 2021, 2020; Cesarino, 2022), a linguagem e o discurso (Avelar, 2021; Nobre, 2022; Rocha, 2021), o deslocamento dos solos morais (Sibilia, 2022) e a esfera pública tecno-midiatizada (Miskolci, 2021), vetores para a ascensão da nova direita no Brasil.

A discussão está estruturada em três partes. Na primeira, apresentamos um traçado inicial das manifestações antidemocráticas e das estratégias performático-discursivas da insurgência da ultradireita no Brasil. Na sequência, observamos a paisagem a partir do agenciamento sociotécnico e focalizamos o ecossistema de desinformação que solapa o debate democrático e é responsável pelos movimentos de territorialização e desterritorialização que permitem desvelar certas camadas de sentido moral “deslocadas” (Sibilia, 2022) na esfera pública tecno-midiatizada (Miskolci, 2021).

Na terceira e última parte, desenhamos as linhas de fuga com base nas análises sobre o fenômeno bolsonarista e o papel de certas igrejas nas pautas ultraconservadoras da mobilização golpista. Destacamos o pragmatismo dos ataques apoiados por empresários, militares e políticos que financiaram, insuflaram e facilitaram a ação dos extremistas, que tiveram início nos acampamentos em frente aos quartéis em diversos locais do país logo após o pleito até desaguar na invasão de Brasília em 8 de janeiro.

⁵ Exemplo de uma das matérias selecionadas. *Portal UOL*. Ao vivo no dia 08 de janeiro. UOL. Ao vivo: terroristas atacam Brasília e invadem o Congresso. 08/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcRYyhoFwfc> Acesso em: 08.abr.2023.

⁶ Exemplo de uma das matérias selecionadas, que questiona a instalação da CPI. *Folha de S.Paulo*. Lula diz que não quer CPI de 08 de janeiro e parlamentares e cidadãos questionam: por que será? 19/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYg1-LXGxQU> Acesso em: 08.abr.2023.

⁷ No Brasil, as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) são uma das formas do Poder Legislativo exercer sua função fiscalizadora. São criadas para apurar fato determinado mediante requerimento de pelo menos um terço dos parlamentares. Ver mais em: <https://www.al.sp.gov.br/comissao/comissoes-parlamentares-de-inquerito/> Acesso em: 08.abr.2023.

⁸ Segundo estudo recente realizado pelo Statista, banco internacional de estatística, o Brasil ocupa a 5a. Posição do ranking das 20 nações que mais possuem usuários nas redes sociais. A previsão é de 87% dos brasileiros serão usuários de redes sociais em 2026. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/87-dos-brasileiros-serao-usuarios-de-redes-sociais-em-2026/> Acesso em: 08.abr.2023.

A conclusão retoma o olhar da comunicação e apresenta como resultado um glossário político que aponta para temas que demandam intensa vigilância e escrutínio: a desinformação, o negacionismo e a anti-democratização.

3. Traçando um mapa

Jair Bolsonaro não se reelegeu em 2022, mas os discursos de ódio e a escalada da violência deflagrados em seu nome resultaram no ataque a Brasília em 08 de janeiro de 2023. João Cezar de Castro Rocha (2021), objetiva “convencer o público leitor da grave ameaça representada pelo bolsonarismo à democracia” (p. 6). Para os apoiadores, qualquer adversário político constitui um inimigo a ser hostilizado e, no limite, eliminado. A retórica do ódio inviabiliza o diálogo no ambiente social e político brasileiro. Uma escalada de autoritarismo e violência erode a ordem democrática. Em sua análise, o estudioso defende⁹ a necessidade de entender a movimentação bolsonarista por meio do seu discurso, visão de mundo e linguagem dispersa nas redes digitais. Essa interrelação forma um sistema de crenças que mantém coesos quase 30%¹⁰ da população brasileira que a apoiam.

Em 08 de janeiro, os jornais noticiavam a invasão denominando os atos ora como uma “manifestação” (legítima), ora como atos “terroristas”, ora apontando os responsáveis como “extremistas bolsonaristas”. Passados três dias, em 11 de janeiro, as notícias inflamavam as declarações do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou o afastamento do governador do Distrito Federal por omissão e possível conivência com o ocorrido, além da prisão em flagrante de integrantes da turba envolvida na invasão à Praça dos Três Poderes; ao mesmo tempo em que noticiavam a preocupação de uma nova “ameaça de manifestação”¹¹.

Durante a semana que se seguiu ao atentado, a disputa pela audiência foi em torno das declarações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a “abertura da Porta do Palácio” facilitada pelos militares em favor dos extremistas bolsonaristas; e, ainda, pela apresentação de “novas imagens e vídeos” que mostravam a violência perpetrada pelos extremistas. Um importante desdobramento do caso se deu com uma articulação dos parlamentares de direita para a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar

⁹ Para saber mais, está disponível no canal do YouTube uma entrevista concedida pelo professor Rocha ao jornalista Pedro Doria, do Jornal Meio (on line). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mKkbsFNUdXY&list=PLoqCk3g6WofUA37_5-6sym2f2vSFoV4EC&index=125 Acesso em: 08.abr.2022.

¹⁰ BBC News Brasil. Quem são os 30% que ainda apoiam Bolsonaro. 11/07/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBqMfmGaVrg> . Acesso em: 08.abr.2022.

¹¹ O site independente *Meteoro Brasil* fez uma livre intitulada “Bolsonaristas marcam nova manifestação em Brasília”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bUM-boRWqQ> Acesso em: 08.abr.2023.

responsabilidades pelos “atos golpistas” que teriam sido deflagrados pelo próprio presidente eleito. A esdrúxula tese pode ser resumida em uma transmissão ao vivo¹² em que se afirmou haver “documentos sigilosos” que supostamente comprovariam que o Presidente Lula e o seu ministro da Justiça teriam sabido, “com antecedência”, do que aconteceria no dia 08 de janeiro na capital.

É interessante destacar a inversão do nexos do discurso: primeiro temos as evidências em imagens e vídeos de que os militares foram cúmplices e, na sequência, a tentativa de demonstrar que o Governo Federal teria sido omissivo na repressão aos atos antidemocráticos. Neste cenário político turbulento, a criação da CPI foi encampada pelos governistas.

Ao examinarmos as condições que propiciaram os atos de janeiro de 2023, nosso foco recai sobre o sistema de crenças (Rocha, 2021) que insuflou uma camada da população ao embate com uma suposta hegemonia ou doutrinação de esquerda em escala global. Embora o conceito de “populismo” (Barros e Lago, 2022) não seja central nesta discussão, merece ser detidamente avaliado.

Ao tratar da relação entre populismo e mídia na América Latina, Waisbord (2013) aponta para o “neopopulismo” (p. 49) contemporâneo, um estilo político de comunicação fixado na vida pública impregnada com a mídia. Vale ressaltar que a organização e a ideologia de movimentos políticos de ultradireita não são produtos diretos da posição de seus integrantes nas relações de produção. Pelo contrário, são construções performático-discursivas que podem assumir os mais variados formatos, incluindo o ideal de “povo” como sujeito e objeto de suas estratégias.

Outro ponto de destaque acerca do discurso da “direita brasileira” é a presença sempre retumbante de uma “conspiração” que somente os “legítimos” (representantes do povo brasileiro) teriam acesso. Falsas simetrias, discursos conspiracionistas e a promoção de valores morais ultraconservadores são amplamente difundidos pela ultradireita, dentro e fora do Brasil.

As redes sociotécnicas tiveram grande relevância nos movimentos que culminaram no ataque de 8 de janeiro de 2023. Para entendermos essa paisagem movente das redes, recorreremos a análise retórica do discurso político feita por Avelar (2021), para quem a linguagem do bolsonarismo é incompreensível sem atenção a uma modulação particular, própria da internet, moldada nos últimos anos por os conteúdos da extrema direita:

¹² Reportagem da *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QovNvC3xih8> Acesso em: 08.abr.2023.

Essa língua não depende de qualquer conteúdo lexical em si e transita com qualquer conteúdo (...). Ela se constitui a partir de uma constelação de operações retóricas: atuação reiterada nos mesmos veículos, registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciatador nele. (Avelar, 2021, p. 316)

A essa linguagem própria da internet, o autor denomina “língua da trollagem”.

Cumprir a função de garantir a degeneração automática do conteúdo caso seja questionado ou desmentido, face à incerteza sobre o estatuto dos enunciados e, ainda, oferece o humor necessário para manter a atenção dos “usuários” no mundo volátil das redes sociais online. Os “youtubers de direita” configuram um estrato social insuflado por uma combinação peculiar de fundamentalismo cristão e princípios olavo-bolsonaristas como anticomunismo e concepção conspiratória da política global contra uma suposta hegemonia cultural de esquerda. Um ressentimento generalizado ancorado em exclusões de diferentes matizes criou o vácuo no qual proliferou o discurso negacionista. O comportamento negacionista e seu sistema de crenças está fortemente ancorado em um processo sistemático e intencional de desinformação.

Uma estratégia comum entre os produtores de desinformação no Brasil¹³ é manter um ou mais *websites* que mimetizam portais de notícia tanto na estrutura, quanto na linguagem e no nome e, ao mesmo tempo, uma série de páginas em redes sociais que compartilham o que é produzido pelos *websites*. O ecossistema desinformativo se consolida quando esses conteúdos são compartilhados em massa por incontáveis perfis falsos automatizados (*bots*) enredados em plataformas de redes sociais.

A disseminação de Fake News acontece principalmente por meio do *WhatsApp* (Ortellado e Ribeiro, 2018). Enquanto no *WhatsApp* a credibilidade estaria no testemunho pessoal, para as páginas e sites que produzem desinformação, a credibilidade estaria na pressuposição de ter havido ali uma suposta apuração jornalística.

Para avançarmos, analisaremos a seguir os movimentos de territorialização e desterritorialização na paisagem em que estamos inseridos.

¹³ <https://www.monitordigital.org/>. Acesso em: 08.abr.2023.

4. Movimentos de territorialização e desterritorialização

Ao tratarmos dos perigos de uma estratégia antidemocrática no Brasil em tempos de pandemia em trabalho anterior (Castro e Oliveira, 2022) argumentamos que o governo brasileiro promoveu desinformação ao questionar autoridades sanitárias, negar a ciência e tentar desviar a atenção com apelos racistas, sexistas, xenófobos ou homofóbicos. Esta premissa converge com outros estudos acerca da desinformação reinante no Brasil durante a pandemia de Covid-19 e suas consequências nefastas (Recuero e Soares, 2021; Gehrke e Benetti, 2021; Cunha, 2021). Em um contexto de grave crise sanitária, intercalada por crises econômica e política, a desinformação associada ao desmantelamento das instituições e ao ataque à liberdade de expressão teve consequências muito nefastas. Os atos antidemocráticos de 08 de janeiro atestam também essa preocupação.

A busca pelos tipos de desinformação propagados no Brasil durante a pandemia levava Gehrke e Benetti (2021) à seguinte tipologia: praticamente a metade dos conteúdos inverídicos distribuídos nas redes sociais brasileiras no período analisado pelos pesquisadores recorreram à criação de "falso contexto", utilizando um fato verdadeiro ou uma imagem genuína, mas os tirando de contexto para gerar uma inverdade (p. 22). O segundo tipo de desinformação mais recorrente foi o "conteúdo fabricado", que é totalmente falso, criado para enganar. Essa estratégia aposta na ignorância sobre a realidade e o funcionamento das instituições e na incapacidade do interlocutor de reconhecer os indícios de falsificação. E o terceiro tipo, com presença ainda relevante, é o "conteúdo impostor", que aplica em conteúdo falso a logomarca oficial de uma organização (ministério, partido político, empresa de tecnologia) ou fraudula a declaração da fonte genuína. Na perspectiva política que vai de encontro ao nosso artigo, essa tipologia corrobora com algumas reportagens¹⁴ feitas no período por nós analisado que trata de como a religião foi instrumentalizada para a manipulação de grupos extremistas no Brasil.

Entre os arautos do conservadorismo bolsonarista, estão políticos com mandato e personagens pouco conhecidos do grande público, mas que trafegam com desenvoltura em um pujante "mundo paralelo" nas redes sociais. Chama a atenção a quantidade de pregadores que congregam legiões de seguidores pregando uma "guerra santa" contra adversários políticos. Alguns desses perfis atuam exclusivamente nas plataformas de rede social e municiam com discursos religiosos quem sonha com o retorno de Bolsonaro ao poder.

¹⁴ Exemplo modelar é o documentário produzido pela BBC News Brasil sobre o assunto e publicado no dia 04/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVLYafGRvA4> Acesso em: 08.abr.2023.

Mais do que a informação, importam as crenças e convicções sistematicamente alimentadas e, principalmente, os afetos mobilizados de acordo com os interesses políticos e econômicos daqueles que deliberadamente produzem e fazem circular tais mentiras e fraudes em escala massiva. O teor neofascista desta forma de convocação à adesão emocional e política ao neofascismo é trabalhado para produzir engajamento, já que "o fascismo é mobilizador e se alimenta do confronto" (Soares, 2020, p. 70).

No sentido de tornar mais claros os movimentos de territorialização e desterritorialização que nos propomos a analisar, consideramos o alinhamento de certas perspectivas em uma mesma paisagem que configura o território político brasileiro atual: (i) uma perspectiva discursiva: em que se encerra uma visão de mundo bélica que conforma uma linguagem específica, a "retórica do ódio", que conforma as narrativas contra a esquerda e a permanente ameaça comunista, alinhadas por teorias conspiratórias; (ii) uma perspectiva dos agenciamentos sociotécnicos: na qual encontramos um sofisticado ecossistema de desinformação agenciado na capilaridade das redes sociais online. Em paralelo, o ataque às instituições e à imprensa aumenta o sentimento de insegurança e vulnerabilidade, o que corrobora com crenças que conformam toda sorte de negacionismos, inclusive sobre a lisura das eleições presidenciais no Brasil; e (iii) uma perspectiva antidemocrática: em que pese a necessidade de se buscar diálogos, mecanismos e ferramentas para se criar possibilidades de convivência na esfera pública tecno-mediatizada, o que se percebe é um acirramento da cisão.

Discurso, agenciamentos e antidemocracia fazem parte de uma mesma paisagem constitutiva do território político brasileiro atual. Como trilhar esses caminhos que, por vezes, se apresentam difíceis e tortuosos? Na sequência, indicamos as linhas de fuga transversais ao mapa criado desde aqui, para uma reflexão mais aprofundada sobre o fenômeno bolsonarista, o papel das igrejas na mobilização dos atos antidemocráticos e nas pautas ultraconservadores que pregam o retorno aos valores tradicionais e assumem uma retórica supostamente nacionalista e patriótica.

5. Linhas de fuga

Nossa reflexão pressupõe uma observação acurada da produção-circulação-consumo de mobilização performativo-discursiva, orientada por métricas em tempo real. A comparação da invasão em Brasília com o assalto ao Capitólio nos EUA é recorrente, não sem razão. Que fatores comunicativos e culturais explicam esse avanço da direita no mundo? Rancière (2021) aponta para o que denomina como uma "perversão da razão". O negacionismo – que contrasta com o ambiente do pensamento racional e democrático que

pensávamos habitar – levanta questões sobre o desencadeamento da mais pura irracionalidade no cerne do processo eleitoral e do sistema representativo. Essa recusa obstinada em reconhecer os fatos atestados é amplamente compartilhada e deliberadamente apoiada.

Ao definir negacionismo, Luiz Eduardo Soares (2020) entende que este “tem sido o método de refundação do real, que (...) amarra o consenso reproduzindo estruturas de plausibilidade fantasmáticas que conferem verossimilhança ao inverossímil” (p. 75). Conforme Rocha (2021), o movimento que comumente denominamos bolsonarismo é um “poderoso sistema de crenças, dotado de coerência interna paranoica, tornando-o praticamente imune aos princípios da realidade” (p. 359). Seria justamente a dissonância cognitiva o motor das massas digitais bolsonaristas.

Ainda que a questão das Fake News seja importante e mereça ser considerada como um problema público, não estamos diante de pessoas ignorantes ou ingênuas. Seguindo a linha de argumento de Rancière (2021), se essas camadas da população rejeitam o que é óbvio, é justamente no intuito de mostrar que são espertas e inteligentes. Estamos diante de valores, códigos morais e estilos de vida que consolidam crenças e constroem realidades paralelas e espúrias.

A materialidade dessas crenças pode ser atestada nas reportagens sobre a criação da CPI para investigar os atos golpistas em Brasília¹⁵. A interpretação dos fatos pela mídia transforma-se em terreno fértil para o delírio negacionista e as mais mirabolantes teorias conspiracionistas. Trata-se de um tipo de racionalidade que, segundo Rancière (2021), exige que vejamos cada fato particular como consequência de uma suposta ordem global.

A globalização, para muitos autores, seria o ponto de inflexão para a crise da democracia liberal (Castells, 2018). A nossa (in)capacidade, enquanto sociedade, de lidar com as múltiplas crises – sanitária, econômica e política – aponta para a “ruptura” entre governantes e governados. Como consequência, aprofunda a desconfiança nas instituições e deslegitima a representação política. Autores como Waisbord (2022), destacam a pandemia como um importante gatilho na tensão entre verdade científica e verdade política na comunicação pública contemporânea. A desinformação, os questionamentos e conflitos sobre a credibilidade dos especialistas e a quantidade de informação circulante nos espaços midiáticos são alguns dos vetores do que o autor denomina como “fraturas comunicativas”. A racionalidade pública, pautada pelos princípios democráticos, demanda condições de

¹⁵ Reportagem da *Folha de S.Paulo* com a manchete “Lula diz que não quer CPI de 8 de janeiro e parlamentares e cidadãos questionam: por que será? 19/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYg1-LXGxQU>. Acesso em: 08.abr.2023.

comunicação como, por exemplo, informação crível, acordos epistemológicos sobre dados e fatos e, não menos importante, a participação cidadã. Sem isso, assevera Waisbord (2022) não há consenso significativo possível sobre a definição de um problema, o diagnóstico da causa e o debate de soluções.

A irracionalidade e a superstição constituem uma racionalidade outra que conforma pensamentos e interpreta o mundo. Nesse contexto, o fenômeno bolsonarista transcende a figura de Jair Bolsonaro e se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, autoritária e individualista. Ao nos debruçarmos sobre o *corpus* aqui selecionado, encontramos indícios de fraturas e fragmentações que são determinantes para o caos comunicacional em que nos encontramos. Ao mesmo tempo que um pastor e representante político questiona a boa ou má fé da turba que invadiu Brasília¹⁶, policiais militares confraternizam e se deixam fotografar com os invasores vestidos de verde e amarelo¹⁷ enquanto o presente recém-eleito decreta intervenção no Distrito Federal¹⁸. Embora devamos reconhecer que há tensões históricas entre lógicas diferentes e opostas de produção de sentido em confronto, estamos diante de uma “estrutura” (Lemos, 2021) que informa e conforma um “ecossistema de desinformação” (Recuero e Soares, 2021) deliberadamente projetado para fins de tomada de poder.

Estamos cientes de que nossa intenção de desvelar camadas de sentido de um episódio recente de tal magnitude se defronta com desdobramentos que não cessam de ocorrer. Esse episódio emblemático resultou na demissão do general comandante do Exército, da equipe do Grupo de Segurança Institucional (GSI) e seu comandante. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Câmara Legislativa investiga os atos golpistas em nível distrital. Parlamentares discutem a estrutura da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) instaurada para apurar os atentados à democracia no Congresso Nacional.

A divulgação de um vídeo¹⁹ dos atos antidemocráticos feito por câmeras de segurança desencadeou um duelo de versões (Diniz, 2023). A narrativa predominante nos grupos de

¹⁶ Canal Silas Malafaia. Atos em Brasília: antidemocráticos? Golpistas? 08/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oKMaiSI-QD4>. Acesso em 11.abr.2023.

¹⁷ Canal Poder 360. PM-DF tira foto com invasores da Praça dos Três Poderes. 08/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RCKErQjbVHE>. Acesso em: 11.abr.2023.

¹⁸ Canal Jovem Pan. Lula decreta intervenção federal no Distrito Federal. 08/01/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O88W2Opowwc>. Acesso em 11.abr.2023.

¹⁹ Folha de S.Paulo. Ministro do GSI de Lula pede demissão após desgaste com imagens de 8/1. 19.04.2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/ministro-do-gsi-de-lula-pede-demissao-apos-desgaste-com-imagens-do-81.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsfolha#erramos. Acesso em: 24.abr.2023.

WhatsApp foi pautada pela ultradireita, que acusou o atual governo de acobertar os atos antidemocráticos de 8 de janeiro. Evidenciando a dissonância cognitiva em que estão mergulhados, deputados pró-Bolsonaro pediram o *impeachment* de Lula da Silva, evidenciando um ato performático-discursivo cujo sentido só poderia emergir em um regime paralelo de desinformação.

Enquanto isso, as investigações e punições aos golpistas avançam no Superior Tribunal Eleitoral (STF): os 2.151 detidos em flagrante na ocasião do ataque foram denunciados à Justiça pelos crimes cometidos (Macário, 2023), suscitando um processo jurídico ainda em andamento com importantes desdobramentos para a democracia no Brasil.

6. Conclusão

Neste momento em que, há poucos meses, a capital do País sofreu o ataque de uma turba descontente com o resultado do pleito presidencial que acabara de ocorrer, é imperioso promover uma séria discussão acadêmica sobre o lugar da comunicação articulada à cidadania e à democracia. Na era do cinismo da pós-verdade, da produção e distribuição deliberada e em massa de Fake News, do estabelecimento de um ecossistema de desinformação que fomenta a dissonância cognitiva e corrói o debate público com a proliferação dos discursos de ódio e da chamada cultura do cancelamento, o percurso cartográfico que propomos neste artigo procurou desvelar sentidos das manifestações antidemocráticas de 8 de janeiro de 2023 no Brasil. Levou-se em conta as estratégias performático-discursivas acionadas em um ecossistema desinformativo que alimenta afetos de ódio, crenças mirabolantes e valores de ordem moral ultraconservadora que subvertem o jogo político ao espalhar desinformação de forma deliberada em escala massiva.

O olhar da comunicação para os atos golpistas de 08 de janeiro no Brasil nos permitiu refletir sobre suas estratégias performático-discursivas e organizar um mapa, vislumbrar uma paisagem e identificar rotas de fuga em um território movente em que redes sociais online são utilizadas como ferramentas de mobilização política, a constituição de um circuito paralelo de doutrinação e desinformação nos quais teorias da conspiração circulam livremente. Conforme argumentamos acima, as condições que possibilitaram os ataques golpistas em Brasília estão alicerçadas em um sistema de crenças paranoides, mirabolantes teorias conspiratórias que insuflaram o embate contra uma suposta hegemonia de esquerda em escala global. A retórica bélica do “inimigo interno” a ser eliminado inviabiliza qualquer tentativa de diálogo.

Não há diálogo possível quando estamos diante de um discurso raso, que dispensa reflexão sistemática e deflagra o ódio ao se espalhar no ambiente volátil e célere do universo

digital. Este é o terreno movediço de onde emerge a desinformação associada ao desmantelamento das instituições e ao ataque à liberdade e à democracia. Esta é a paisagem difusa que encontramos neste território, construído com conteúdo falseado ou impostor e um contexto que se apresenta como verdadeiro e reto. Vislumbramos personagens de um mundo paralelo em que pastores, militares e políticos dos chamados “baixo” e “alto clero” promovem uma suposta “guerra santa”, um insidioso sistema de crenças de cunho fundamentalista, dotado de uma (in)coerência interna paranoica e imune aos princípios da realidade. É neste lugar que o negacionismo encontra o movimento antidemocrático. Conforme Rancière (2014), o “ódio à democracia” se converte em “individualismo democrático”, o sujeito varia suas escolhas eleitorais tal qual varia seus prazeres íntimos. As relações fundamentalmente igualitárias, estabelecidas no espaço público tecno-midiatizado, convergem para uma chave de leitura tanto individualista quanto conservadoramente moral e regida pelo mercado.

Finalmente, a linha de fuga neste território pressupõe a produção-circulação-consumo de mobilização performativo-discursiva, orientada em tempo real em escala massiva. Não estamos mais diante de pessoas ignorantes ou ingênuas, mas de uma perversão da racionalidade e de uma “ruptura” entre governantes e governados. A desqualificação da esfera pública e da mediação social e institucional acarreta uma irracionalidade e a uma superstição que conformam pensamentos e modos de interpretação do mundo. Desinformação, negacionismo e anti-democratização tornam-se, portanto, chaves de leitura para compreender o que se passou no País e nos parecem constituir os principais fatores contra os quais se precisa opor resistência para o aprimoramento da defesa em prol da cidadania no Brasil.

7. Referências

- Artigo 19. (2013). Relatório: Protestos no Brasil 2013. *Artigo 19*. https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2014/06/Protestos_no_Brasil_2013-vers%C3%A3o-final.pdf
- Avelar, I. (2021). *Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. Record.
- Barros, T. Z. e Lago, M. (2022). *Do que falamos quando falamos de populismo*. Companhia das Letras.
- Bruno, F. (2020). Arquiteturas algorítmicas e negacionismo: a pandemia, o comum, o futuro. Em L. Duarte e V. Gorgulho (orgs.). *No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia*, (pp. 241-252). Cobogó.

- Castells, M. (2018). *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Zahar.
- Castro, G. G. S. e Oliveira, A. L. (2022). *(Des)informação mata: os perigos de uma estratégia midiática antidemocrática no Brasil em tempos de pandemia*. 45°. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Paraíba, Brasil.
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221064762f44817541f7>
- Cesarino, L. (2022). *O avesso do mundo: verdade e política na era digital*. Ubu.
- Cunha, I. F. (2021). *Populismo e autoritarismo em tempos de pandemia: o ano de 2020*. [Tese de Pós-Graduação]. Universidade de Coimbra.
- Diniz, I. (2023). Vídeo de ministro do GSI no 8 de janeiro gera duelo de versões nas redes. *Lupa*. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/04/20/video-de-ministro-do-gsi-no-8-de-janeiro-gera-duelo-de-versoes-nas-redes>
- Gehrke, M. e Benetti, M. (2021). A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. *Revista Fronteiras*, 23 (2), 14-28.
<https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.02>
- Lemos, A. (2021). Dataficação da vida. Em Dossiê: digitalização e dataficação da vida: pervasidade, ubiquidade e hibridismos contemporâneos. *Citivas*, 21 (2), 193-202.
<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>
- Lemos, A. (2020). Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. *Galáxia* 43, 54-66. <https://doi.org/10.1590/1982-25532020143970>
- Macário, C. (2023). Três meses depois, 1,3 mil pessoas foram denunciadas por atos golpistas. *Lupa*. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/04/06/tres-meses-depois-atos-golpistas>
- Maia, D. (2023). Protestos em Brasília: o que muda nos atos de 2013, 2017 e 2023. *Politize!*
<https://www.politize.com.br/protestos-em-brasilia/>
- Miskolci, R. (2021). *Batalhas morais: política identitária na esfera pública tecno-midiatizada*. Autêntica.
- Nobre, M. (2022). *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. Todavia.
- Nunes, R. (2022). *Do transe à vertigem: ensaios sobre Bolsonaro e um mundo em transição*. Ubu.
- Ortellado, P. e Ribeiro, M. M. (2018). Polarização e desinformação online no Brasil. *Análise*, 44, 1-9. <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14629.pdf>
- Rancière, J. (2021). Rancière vê a crise da democracia e da razão. *Outras palavras*.
<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/ranciere-ve-crise-da-democracia-e-da-razao/>

- Rancière, J. (2014). *O ódio à democracia*. Boitempo.
- Recuero, R. e Soares, F. B. (2021). O discurso desinformativo sobre a cura da Covid-19 no Twitter. Estudo de caso. *Revista e-Compós*, 24, 1-29. <https://doi.org/10.30962/ec.2127>
- Rocha, J. C. C. (2021). *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político* [e-book]. Caminhos.
- Sibilia, P. (2022). *Da hipocrisia aos cinismos: deslocamentos do “solo moral”*. Anais do 31º Encontro Anual da Compós, Campinas, Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/da-hipocrisia-aos-cinismos-deslocamentos-do-solo-moral?lang=pt-br>
- Soares, L. E. (2020). *Dentro da noite feroz: O fascismo no Brasil*. Boitempo.
- Waisbord, S. (2022). Más que infodemia. Pandemia, posverdad y el peligro del irracionalismo. *Mediacones de la Comunicación*, 17 (1), 31-53. <https://doi.org/10.18861/ic.2022.17.1.3227>
- Waisbord, S. (2013). Populismo e Mídia: o neopopulismo na América Latina. *Contracampo*, 28 (3), 6-52. www.uff.br/contracampo